

su correcta clasificación en otros muchos yacimientos atlánticos del Algarve o incluso más norteños donde estas cerámicas pudieron alcanzar los mercados más lejanos desde su centro productor. La *phocean frying pan* nos ayuda además a entender mejor los cargamentos mediterráneos que alcanzan las costas algarvías durante los siglos I y II y que transportan esencialmente productos del mediterráneo occidental (sudgálicos, norteafricanos e itálicos entre otros). Esta pieza oriental parece acompañar a las cerámicas de cocina itálicas, presenten también en los contextos algarvíos desde el final de la república (Viegas 2020), como lo demuestra su aparición conjunta en los contextos orientales anteriormente citados. Esta pieza y posiblemente otras de producción oriental, junto a las cocinas itálicas y otras cerámicas del mediterráneo occidental debieron ser redistribuidas desde algún puerto de la costa gala mediterránea, quizás Narbona, desde donde parten los fletes con vajillas finas del sur de la Galia y ánforas *Gauloises* de vino, productos muy presentes en los contextos algarvíos de este momento y en la propia fosa de la fábrica de Faro (Costeira et al. en prensa).

Bibliografía

- Arruda, A.M., Bargão, P. y Sousa, E. 2005: "A ocupação pré-romana de Faro: alguns novos dados", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1), 177-208.
- Bernardes, J. P. 2011: "A cidade de Ossonoba e o seu território", *Anais do Município de Faro*, 37, 11-26.
- Bernardes, J. P. 2014: "Ossonoba e o seu território: as transformações de uma cidade portuária do sul da Lusitânia", en D. Vaquerizo, J. A. Garriguet, A. León (ed.): *Ciudad y territorio: transformaciones materiales e ideológicas entre la época clásica y el Altomedioevo*, *Monografías de Arqueología Cordobesa*, 20, Córdoba, 355-366.
- Costeira da Silva, R., Fernández Fernández, A., Botelho, P. y Santos, F. P. en prensa: "Un contexto cerrado con ánforas béticas de la factoría de salazón de la calle Francisco Barreto (Ossonoba, Faro)", *Ex Baetica Amphorae II: 20 años después*.
- Hayes, J. W. 1983: "The Pottery", *The villa Dyonisos Excavations, Knossos*, Annual of the British School at Athens, 78, 97-169.
- Hayes, J. W. 1997: *Handbook of Mediterranean Roman Pottery*, London: British Museum.
- Reynolds, P. 2020: *Butrint 6: Excavations on the Vrina Plain Volume 3: The Roman and late Antique pottery from the Vrina Plain excavations*, Oxbow Books.
- Reynolds, P. 1997-98: "Pottery production and economic exchange in second century Berytus. Some preliminary observations of ceramic trends from quantified ceramic deposits from the Aub-Leverhulme excavations in Beirut", *Berytus* 43, 35-110.
- Robinson, H. S. 1959: *Pottery of the Roman Period: Chronology*, The Athenian Agora 5, The American School of Classical Studies at Athens.
- Slane Wright, K. y Jones, R.E. 1980: "A Tiberian Pottery Deposit from Corinth", *Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens*, 49 (2), 135-177.
- Quevedo, A. 2015: *Contextos cerámicos y transformaciones urbanas en Carthago Nova (s. II-III d.C.)*, Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, Archaeopress.
- Viegas, C. 2020: "Late republican and early Empire common ware in southern lusitania (Algarve-Portugal): the italian imports", in *Rei Cretariae Romanae Fautorvm Acta*, 46.

1 Agradecemos a Alejandro Quevedo habernos facilitados varias fotografías inéditas de estas dos sartenes de Cartagena.

Marcas do oleiro hispânico Novivs na Boca do Rio (Algarve, Portugal)

Ana Martins*

Florian Hermann**

Ricardo Soares***

João Pedro Bernardes****

*Universidade de Évora/Universidad de Granada/ FCT

**Universität Marburg / Vorgeschichtliches Seminar

***Câmara Municipal de Vila do Bispo / Universidade do Algarve

Universidade do Algarve****

ana.i.martins93@gmail.com

florian.hermann0@gmail.com

ricardo.soares@cm-viladobispo.pt

jbernar@ualg.pt

O sítio portuário romano da Boca do Rio, situado na rota entre o Mediterrâneo e o Atlântico, corresponde a um dos mais importantes contextos de fabrico de preparados de peixe da Lusitânia. Entre 2016 e 2019 foram desenvolvidos vários trabalhos neste local, coordenados por João Pedro Bernardes e Felix Teichner ("Boca do Rio: um sítio pesqueiro entre dois mares" e "Vulnerabilidade das complexas redes de produção romanas na costa atlântica hispânica meridional" [DFG TE590/8-1]), que permitiram investigar a zona residencial e termal, várias *fabricae*, um porto, uma zona destinada a produção oleira e até a sua necrópole (Bernardes et alii 2019; Bernardes et alii 2022; Hermann et alii 2022a; Hermann et alii 2022b; Hermann et alii, no prelo; Martins et alii. no prelo a) (Fig. 1).

Estas escavações originaram uma grande quantidade e diversidade de materiais. O estudo de algum deste espólio, nomeadamente a *terra sigillata* (Martins e

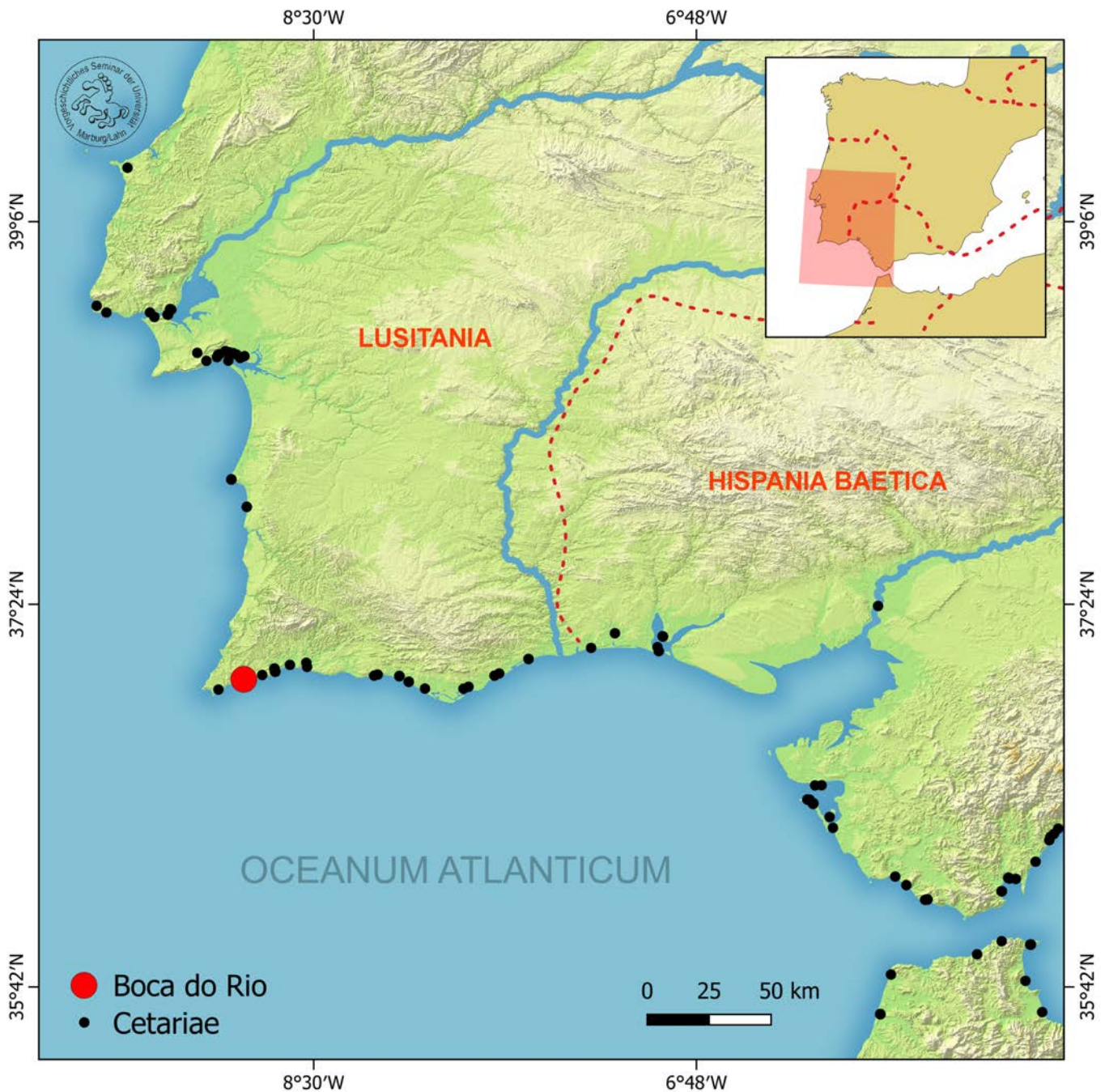


Figura 1. Localização da Boca do Rio e a distribuição de sítios com *cetariae* ao longo da costa atlântica Sul da Península Ibérica.

Bernardes, *no prelo*; Martins *et alii*, *no prelo b*), já permitiu datar a ocupação do sítio, balizada entre o último terço do século I d.C. e finais do V (Fig. 2).

No entanto, a erosão progressiva da linha costeira, onde as zonas habitacional e termal se encontram, também expõe anualmente quantidades consideráveis

de achados. Entre os muitos fragmentos cerâmicos que foram recolhidos no talude da praia por Ricardo Soares, arqueólogo do município de Vila do Bispo, nas visitas ao sítio após as campanhas de 2016-2019, encontra-se uma marca de oleiro que, por ser pouco frequente na província da Lusitânia (Bustamante-

Álvarez e Simón Cornago 2022: 406-407), justifica esta notícia.

O fragmento em questão é um fundo de prato de *terra sigillata* hispânica, com engobe vermelho (2.5YR4/8) espesso, embora pouco brilhante. A sua pasta é também vermelha (2.5YR5/6), depurada, dura e compacta, de textura levemente



Figura 2. A erosão provoca a destruição contínua dos edifícios romanos salientes no talude da praia.

granulosa, fratura um pouco irregular, e.n.p. brancos ou amarelados e vácuos praticamente inexistentes.

Esta peça apresenta pé de anel de secção triangular com um diâmetro interno de 65 mm, uma suave ranhura no interior do anel, a característica moldura/fundo hispânico, que não perfaz um círculo perfeito, e no centro um leve bico característico dos fundos associados aos pratos da forma hispânica 15/17 (Bustamante-Álvarez 2013: 85; láminas 55 a 91).

A forma 15/17 é uma das que apresentam uma maior percentagem dentro do conjunto de *terra sigillata* por nós estudado, fator que não é excepcional pois esta é uma das formas hispânicas de prato mais comuns, e de produção mais longínqua, com representatividade em contex-

tos desde a segunda metade do século I d.C. a inícios do IV (Bustamante-Álvarez 2013: 87). Contudo, é importante frisar que, embora a morfologia do fragmento cerâmico que aqui apresentamos se assemelhe à forma 15/17, o seu reduzido tamanho não nos permite associá-lo a esta com segurança.

No interior desta peça é bem visível a marca de oleiro, de cartela retangular, onde se pode ler “IIXOFNOVI”, *ex officina Novi*. Esta deu-nos agora a possibilidade de apresentar uma leitura correta para uma outra marca que tinha sido encontrada na praia, durante os trabalhos de campo da primavera de 2017. Trata-se de um fragmento de fundo indeterminado, onde se pode apenas ler “IIXOF(…)” (Martins *et alii. no prelo* b). Ao avaliar

as similitudes entre ambas, estas podem ser associadas ao mesmo oleiro, o que significa que *Novius* está representado duas vezes neste sítio arqueológico. O centro de produção deste oleiro é ainda desconhecido (Bustamante-Álvarez e Simón Cornago 2022: 406). Contudo as características da pasta do fragmento aqui tratado com maior destaque levam-nos a apontar para a área de La Rioja.

A Boca do Rio é, até agora, o segundo local na Lusitânia onde esta marca foi identificada, tendo paralelo apenas em Mérida (Bustamante-Álvarez e Simón Cornago 2022: 406-407). Relativamente a outras províncias, as produções deste oleiro foram encontradas em locais como Numancia (Mezquíriz 1956: 451, nº210; Mayet 1984: 157 nº 424-425; Romero

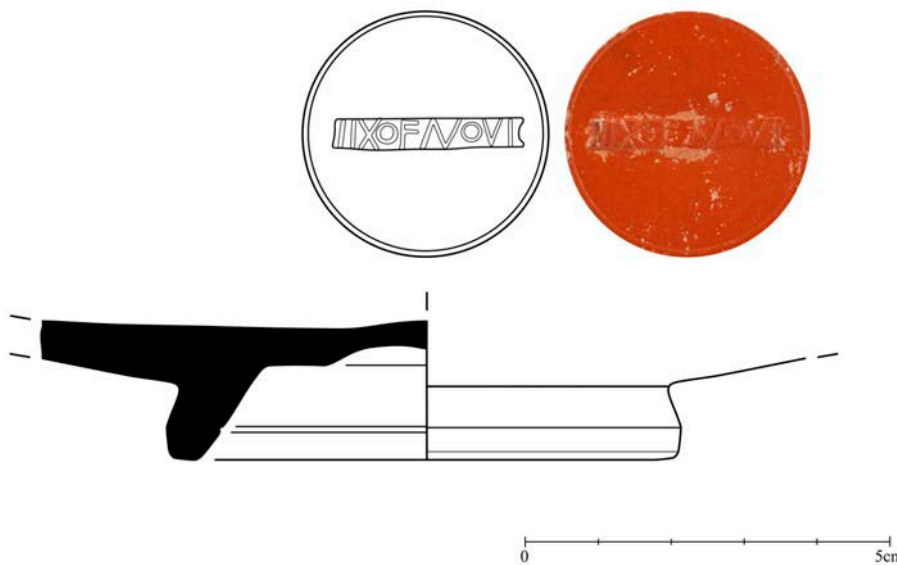


Figura 3. A marca "IIXOFNOVI".

Carnicero 1985: 254, nº 791, 968, 939), sendo que uma era pertencente a um fragmento de fundo de um prato de forma 15/17; a *villa* romana de Torre Llauder (Mataró, El Maresme), onde se coloca a possibilidade de o oleiro estar associado a *Tritium Magallum* (Roig 2012: 3); Banasa e Volubilis (Boubé 1965: 171-172, nº142-143) (Fig. 3).

Apresentámos, com esta notícia, novos dados sobre o perfil das importações do sítio pesqueiro existente na praia da Boca do Rio. A investigação recente tem-nos permitido demonstrar que *terra sigillata* hispânica constitui o seu segundo grupo com maior representatividade, contudo, estes são os primeiros dados relativos a um oleiro hispânico. Embora tenhamos aqui duas marcas sem contexto estratigráfico, a sua importância para um melhor conhecimento das redes comerciais em que este sítio se encontrava inserido é inegável. Os paralelos encontrados para esta marca demonstram-nos que a Boca do Rio se encontrava perfeitamente enquadrada nas rotas comerciais da *sigillata* hispânica e, ao mesmo tempo, que a dispersão das peças deste oleiro chega-

vam aos vários extremos da Hispânia romana, extravasando até as suas fronteiras.

Bibliografia

- Bernardes, J. P., Teichner, F., Hermann, F. e Soares, R. 2022: "Novos dados do sítio pesqueiro romano da Boca do Rio", en J. Jiménez Ávila, M. Bustamante-Álvarez, F. J. Heras Mora (eds.): *Actas do X Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, Zafra, 1408-1431.
- Bernardes, J. P. Amorim, A., Verissimo, H. e Martins, A. 2019: "A necrópole da Boca do Rio: vivências da morte de uma população costeira no baixo Império Romano", *Anales de Arqueología Cordobesa*, 30, Córdoba, 333-356.
- Boubé, J. 1965: "La Terra Sigillata Hispanique en Maurétanie Tingitane – 1 Les marques de potiers", *Etudes et travaux d'archéologie marocaine*, I, Rabat.
- Bustamante-Álvarez, M. 2013: "La Terra Sigillata Hispánica en *Augusta Emerita*, Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del suburbio norte". *Anejos de la AEspA*, LXV, Mérida, Instituto de Arqueología de Mérida, Archivo Español de Arqueología.
- Bustamante-Álvarez, M. e Simón Cornago, I. 2022: "Corpus de Marcas de Alfareros Sobre Terra Sigillata Hispánica en la Lusitania" en Bustamante-Álvarez, M. e Viegas, C. (eds.) *Corpus Vasorum*

Hispanorum. Un modelo de aplicación metodológica para el estudio de los sellos sobre sigillata hispánica en la Lusitania, Granada, 227-500.

- Hermann 2022a: Hermann, F., Paul, K., Teichner, F., Reicherter, K. e Brückner, H. 2022a: "Geoarchäologische Forschungen zur römischen Fischsaucenproduktion in Lusitania: Boca do Rio (Algarve) und Tróia (Alentejo)", en: Engel, M., Stock, F. e Brückner, H. (eds.) *Coastal Geoarchaeology in the Mediterranean – on the Interdependence of Landscape Dynamics, Harbour Installations and Economic Prosperity in the Littoral Realm*, Panel 2.3, Archaeology and Economy in the Ancient World 5 (Heidelberg, Propylaeum 2022) 5–25.

- Hermann, F., Feist, L., Teichner, F., Bernardes, J. P., Reicherter, K. e Brückner, H. 2022b: "At the mercy of the sea – Vulnerability of Roman coastal settlements in the Algarve (Portugal). Boca do Rio as an emblematic example of a key marine industry", en Álvarez-Martí-Aguilar, M. e Machuca Prieto F. (eds.), *Historical Earthquakes, Tsunamis and Archaeology in the Iberian Peninsula*, Natural Science in Archaeology, Singapur, 215-249.

- Hermann, F., Bernardes, J. P. e Teichner, F. no prelo: "Hum caes ... de boa cantaría" en el extremo oeste del mundo romano. Las instalaciones portuarias de las aglomeraciones secundarias de Boca do Rio y Cerro da Vila (Algarve) - The harbour installations of the coastal settlements of Boca do Rio and Cerro da Vila (Algarve, Portugal)", en *Proceedings of Entre Mares International Congress. Location, Infrastructure and Organisation of Roman Ports*, Irun 3.-5. November 2021.

- Martins, A. e Bernardes, J. P. no prelo: "A terra sigillata da zona termal da Boca do Rio: subsídio para o estudo da evolução cronológica sítio", en *XI Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, 21.-23.10.2021, Loulé.

- Martins, A., Soares, R. e Bernardes, J. P. no prelo a: "Novidades da antiga necrópole romana da Lomba das Pias (Boca do Rio, Budens, Vila do Bispo)", en *XII Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*, 20.-22.10.2022, Aljaraque.

- Martins, A., Naumann, P., Hermann, F., Bernardes, J. P. e Teichner, F. no prelo b: "La terra sigillata como un indicador para la cronología y contactos comerciales del yacimiento portuario de Boca do Rio (Vila do Bispo, Portugal)" en *VI Congreso Internacional de la SECAH*, 30.03.-02.04.2022, Zaragoza.

Mayet, F. 1984a: *Les céramiques sigillées hispaniques : Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Paris.

Mezquiriz de Catalán, A. M. 1956: "Terra Sigillata Hispanica" en *Atlante delle Forme Ceramiche*, I, Roma, 99-174.

Roig, J. F. C. 2012: "Marques de terrissaire en "Terra Sigillata" hispànica de la villa romana de Torre Llauder (Mataró-El Maresme)", en *Sessió d'Estudis Mataronins*, Museu Arxiu Santa Maria.

Romero Carnicero, M. V. 1985: "Numancia I. La terra sigillata", en *Excavaciones Arqueológicas Españolas*.

Evidencias de producción anfórica y latericia en Suel: defectos de cocción de las excavaciones en el Cerro del Castillo de Fuengirola¹

Darío Bernal Casasola*

Verónica Navarrete Pendón**

Miguel Ángel Sabastro

Román**

Carmen María Vera

Fernández**

Yolanda Arrebola Urdiales**

Daniel David Florido

Esteban**

Javier Iván Noriega

Hernández**

*Universidad de Cádiz

**Nerea Arqueología (Grupo Aratheo SLL)

dario.bernal@uca.es

info@gruponerea.com

La antigua ciudad romana de *Suel*, actual Fuengirola, y sus antecedentes pre-romanos, han sido objeto de numero-

sos estudios arqueológicos desde hace décadas (Rodríguez Oliva 1981; Martín Ruiz e Hiraldo Aguilera 2018; Corrales 2001: 347-349). Actualmente, su conocimiento histórico-arqueológico está en efervescencia gracias a un programa de investigaciones arqueológicas a través del Proyecto General de Investigación denominado "Ciudad Romana de Suel" (2019-2024). Las nuevas excavaciones en la zona baja de la ladera del Cerro del Castillo han permitido documentar importantes evidencias del urbanismo de la ciudad romana, habiéndose exhumado parte del viario romano y tardoantiguo, y diversos edificios del área pública y doméstico-artesanal de este enclave urbano del litoral malacitano, actualmente en fase de estudio (Navarrete 2020).

En estas líneas traemos a colación tres defectos de cocción localizados recientemente en las excavaciones en la zona de la ladera que conecta la antigua *Suel* con el mar (Fig. 1A), que constituyen las primeras evidencias de la importante actividad alfarera que debió acompañar a la ciudad romana a lo largo de su amplia diacronía.

En primer lugar, dos fragmentos de ánforas procedentes del denominado Corte 6. Ambos proceden de un nivel de relleno (U.E. 6029) de gran potencia (en torno a 1 m), posiblemente un vertido constructivo intencional para elevar la cota de uso y crear una plataforma (Fig. 1B y D). Desde un punto de vista cronológico, el contexto de hallazgo se fecha entre la segunda mitad del s. II y la primera del s. III a tenor de los hallazgos de vajilla fina (sigillatas africanas de la producción A -formas Hayes 12 y Hayes 14- y algunas botellas cerradas) y lucernas de disco, junto a producciones anfóricas importadas (asa muy maciza de Dressel 20) o locales regionales (Almagro 50 y asa inferior de salsaria medioimperial con sello T.AT). Como en prácticamente todo nivel deposicional de relleno, no faltan los residuos (especial-

mente producciones pintadas, cerámica de engobe rojo pompeyano y algunas ánforas gálicas de la familia de la G.4, junto a algunos fragmentos de *terra sigillata* hispánica).

Aparentemente ambos fragmentos pertenecen al mismo ejemplar, aunque no estén conexionados anatómicamente entre sí. El de menores dimensiones (Fig. 2B) se corresponde con el fragmento mesial de un asa de ánfora (7,1 cm longitud conservada), de sección ovalada (4,8 x 2.7 cm) y con acanaladura dorsal poco marcada. La pasta ha sufrido hiper-cocción, plasmada en una coloración exterior verde-grisácea y un núcleo marrón-rojizo, y tenues erupciones en la parte superficial. El segundo fragmento, de mayores dimensiones (10 de altura x 20 cm de anchura), se corresponde con la boca y el arranque de un asa de ánfora con borde engrosado semicircularmente al exterior, y con una acusada acanaladura dorsal bien centrada (Fig. 2A). La boca, de dimensiones medias (diámetro aproximado de 17,5 cm), está claramente deformada, presentando un borde bien definido (altura: 2.2-2,3 cm), con una amplia asa, cuyo arranque superior presenta una sección ovalada (5,7 x 3,1 cm) con profunda acanaladura entre 1 y 1,4 cm, ubicada inmediatamente bajo el plano inferior del borde, dando paso a un cuello de apariencia troncocónica invertida. Técnicamente es un ejemplar hiper-cocido, que presenta una mayor deformación en la zona cercana al asa, cuyos minerales han virado al blanco por el exceso de temperatura. Se detecta en superficie una característica deformidad superficial en la pared exterior ("arrugado") y amplias vacuolas al otro lado del asa. Además, la pieza presenta totalmente fundida su mitad inferior, por lo que la fuente de calor estuvo cerca del asa. Desde un punto de vista macroscópico la pasta es de color grisáceo, con vetas rojas, totalmente virada respecto a la coloración original por la intensa hiper-cocción. Esta